



# **AEP**

**ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE PORTUGAL  
CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA**

## **HOTELARIA**

### **RELATÓRIO DE CONJUNTURA**

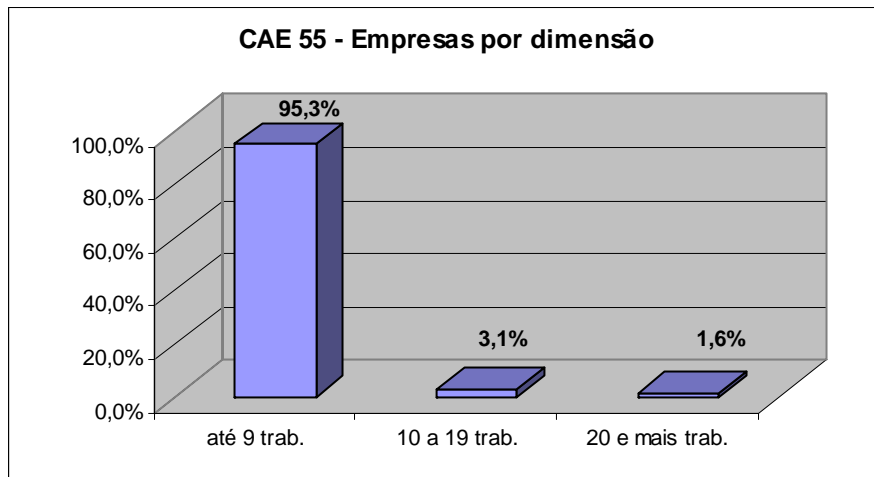
**AEP / GABINETE DE ESTUDOS**

**Julho de 2005**

A actividade da hotelaria insere-se na CAE 55 – Alojamento e Restauração, que, por sua vez, integra o sector do turismo, um dos sectores com maior potencial de crescimento a nível mundial.

O alojamento e a restauração têm um peso bastante significativo na economia nacional, sendo responsáveis por 3% do VAB e por 5,2% do emprego.

De acordo com dados referentes ao ano de 2002, a CAE 55 reúne 62344 empresas, responsáveis por 229933 postos de trabalho. Trata-se de um sector onde predominam empresas de reduzida dimensão: cerca de 95% são microempresas.



O volume de negócios ronda os 7050,9 milhões de euros e o VAB atinge 2378,7 milhões de euros. A produtividade situa-se em 10,3 mil euros e os custos médios com pessoal em 7,2 mil euros.

#### CAE 55 - Alojamento e restauração

Ano	Empresas	Pessoal ao Serviço	milhões euros			milhares euros		Pessoal/ Empresas
			Custos Pessoal	Volume Negócios	VAB	Produtividade	C.Médios Pessoal	
1998	56047	220868	1266,3	5940,9	1980,8	9	5,7	4
1999	59664	261113	1744,3	7986,5	2565,6	9,8	6,7	4
2000	60221	215695	1532	6498,3	2243,3	10,4	7,1	4
2001	62082	239140	1629	7021,1	2273,9	9,5	6,8	4
2002	62344	229933	1666	7050,9	2378,7	10,3	7,2	4

Fonte: INE

Analisando a evolução registada entre o ano de 1998 e o de 2002, constata-se que todos os indicadores aumentaram. Em especial, é de assinalar o acréscimo de cerca de 20% no VAB que, conjugado com um aumento de 4% no pessoal ao serviço, implicou uma progressão de 14,4% na produtividade. De referir que este aumento na produtividade ficou, contudo, consideravelmente abaixo do crescimento de 27,1% nos custos médios com o pessoal. É também de destacar o bom desempenho do volume de negócios, que cresceu 18,7%.

Note-se que, apesar da evolução francamente positiva entre aqueles dois anos, as maiores taxas de crescimento verificaram-se no início do período em análise, tendo o ano de 2000 sido marcado por quebras no pessoal ao serviço, volume de negócios e VAB e fraco crescimento no número de empresas, indicadores que recuperaram no ano seguinte,

quando a produtividade e os custos médios com o pessoal evidenciaram reduções. Finalmente, em 2002 constatou-se uma recuperação destes dois últimos indicadores, bem como do VAB, enquanto os restantes voltaram a piorar o seu desempenho.

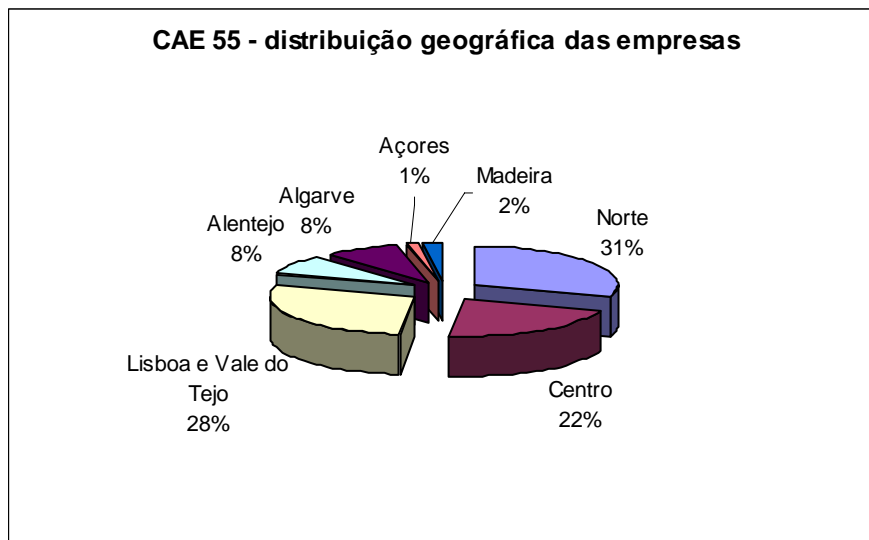
### CAE 55 - Alojamento e restauração

#### Taxas de crescimento

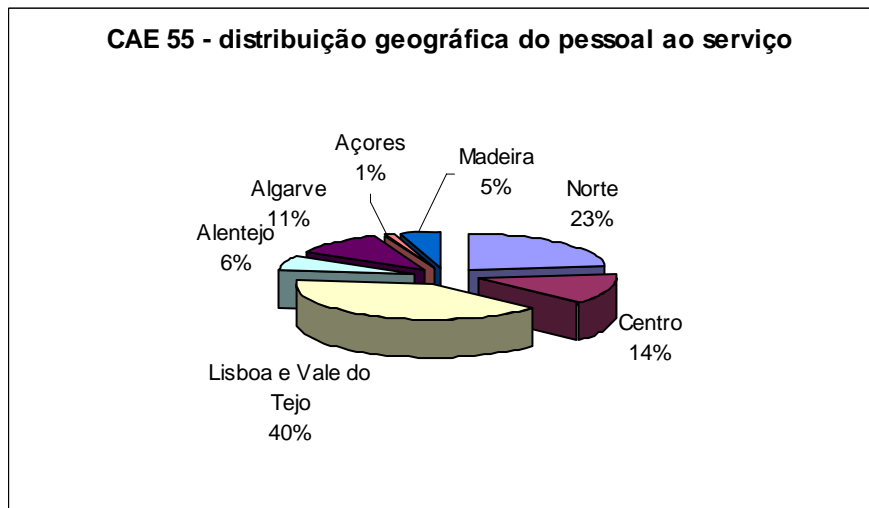
Ano	Empresas	Pessoal ao Serviço	Volume de Negócios	VAB	Produtividade	C. Médios Pessoal
1999	6,5%	18,2%	34,4%	29,5%	8,9%	17,5%
2000	0,9%	-17,4%	-18,6%	-12,6%	6,1%	6,0%
2001	3,1%	10,9%	8,0%	1,4%	-8,7%	-4,2%
2002	0,4%	-3,9%	0,4%	4,6%	8,4%	6,6%
2002/1998	11,2%	4,1%	18,7%	20,1%	14,4%	27,1%

Fonte: Cálculos com base no INE

A região Norte concentra o maior número de empresas do sector (31%), seguindo-se-lhe a região de Lisboa e a região Centro.



As duas primeiras posições invertem-se no que diz respeito ao pessoal ao serviço, cabendo a liderança claramente à região de Lisboa (40%), seguindo-se-lhe a região Norte, permanecendo o terceiro lugar ocupado pela região Centro.



Analisando apenas os estabelecimentos hoteleiros, e tendo em conta dados relativos a 2004, verifica-se que é a região Norte que ocupa um lugar de destaque (com 22,2% do número de estabelecimentos do país), seguindo-se-lhe o Algarve (com 21,7%), aparecendo em terceiro lugar Lisboa e Vale do Tejo (com 15,4%). De referir que a supremacia da região Norte fica a dever-se ao lugar de destaque que ocupa ao nível do número de estalagens e pensões. Já o Algarve ocupa uma posição de liderança no número de hotéis-apartamentos, de apartamentos e de aldeamentos turísticos. Em termos de hotéis, é a região de Lisboa e Vale do Tejo que concentra um maior número de estabelecimentos. O Alentejo concentra o maior número de pousadas.

Relativamente ao pessoal ao serviço nos estabelecimentos hoteleiros, observa-se uma maior concentração no Algarve (30,3%), seguindo-se Lisboa e Vale do Tejo (21,7%), sendo a Região Norte responsável por apenas 11,4% do número total de trabalhadores. Os hotéis são a categoria de estabelecimento que emprega mais trabalhadores (60%).

A posição relativa do Algarve e de Lisboa e Vale do Tejo inverte-se no número de hóspedes, ocupando esta última região o primeiro lugar, com 40%, e o Algarve o segundo lugar, com 31,5%. A região Norte aparece em terceiro lugar, com 23,7%. Tal como com o pessoal ao serviço, é nos hotéis que se concentra o maior número de hóspedes (61,1%), seguindo-se as pensões (14,5%) e os hotéis-apartamentos (10%).

Ao analisar-se a nacionalidade dos hóspedes no conjunto dos estabelecimentos hoteleiros, constata-se que 53% são estrangeiros, sendo que nestes se destacam os turistas provenientes do Reino Unido (21% dos hóspedes estrangeiros), de Espanha (17,7%), da Alemanha (12,5%) e da França (7,4%). A dependência do turismo português face a um número reduzido de mercados emissores é, pois, evidente.

No que diz respeito à estada média, constata-se que se situa em 3,1 noites, sendo que, em média, os nacionais ficam 2,2 noites nos estabelecimentos hoteleiros e os estrangeiros ficam 4 noites.

É notória a sazonalidade verificada nas dormidas, com o mês de Agosto a responder por 14,2% do total, seguindo-se Julho, com 11%, e Setembro, com 10,7%.

A taxa de ocupação-cama no conjunto dos estabelecimentos hoteleiros situa-se em 38,6%, atingindo nos hotéis-apartamentos 48,4% e nas pensões apenas 24,1%.

A par da forte concentração regional da actividade hoteleira, bem como da marcada sazonalidade, é de salientar ainda a inegável escassez de mão-de-obra qualificada e a instabilidade do trabalho neste sector, aspectos cuja mudança se revela essencial para se poder prosseguir com uma estratégia de desenvolvimento sustentado do turismo em geral e da actividade hoteleira em particular. A isto acresce a necessidade de aumentar a despesa média diária dos turistas.

## ANÁLISE SWOT - TURISMO

<p style="text-align: center;"><b>Pontos fortes</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• clima favorável</li><li>• imagem de destino seguro</li><li>• população acolhedora e de comunicação fácil</li><li>• inúmeros elementos de diferenciação da oferta (património natural e histórico-monumental, artesanato, gastronomia)</li><li>• extensão da faixa costeira e do sistema fluvial</li><li>• existência de destinos tradicionais bem implantados</li></ul>	<p style="text-align: center;"><b>Pontos fracos</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• escassez de mão-de-obra e falta de recursos humanos qualificados</li><li>• predomínio de empresas de reduzida dimensão, dificultando a negociação com grandes operadores turísticos</li><li>• forte sazonalidade</li><li>• elevada dependência de um número restrito de mercados emissores</li><li>• grande concentração da oferta em 3 zonas (Algarve, Lisboa e Madeira) e no segmento sol e mar</li><li>• ainda reduzida despesa média por turista, reflectindo um turismo massificado</li><li>• fraca qualidade da rede viária (incluindo o sistema de sinalização), falta de ordenamento do território</li><li>• fraca imagem em termos de qualidade ambiental</li><li>• proliferação de alojamento extra oficial</li><li>• deficiente formação de base dos empresários</li></ul>
<p style="text-align: center;"><b>Oportunidades</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• aproveitamento das potencialidades oferecidas por recursos turísticos ainda não devidamente promovidos e dotados das devidas infra-estruturas, tais como as aldeias preservadas, as casas senhoriais, as estâncias termais</li><li>• promoção dos segmentos de turismo religioso, de saúde, rural, de natureza, e uma forte aposta no turismo sénior, de negócios e de golfe</li><li>• maior cooperação entre entidades públicas e privadas</li><li>• utilização de novos instrumentos financeiros para apoiar o investimento e a formação</li><li>• tendência para o aumento da procura mundial de turismo</li></ul>	<p style="text-align: center;"><b>Ameaças</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• crescente concorrência a nível global e regional, havendo um insuficiente acompanhamento da evolução do sector a nível mundial, nomeadamente, em termos de gestão e qualidade da hotelaria</li><li>• forte pressão ambiental em algumas áreas do nosso país</li></ul>